

Paulo Vianeí Cazarotto

Um homem simples, de fala rústica e sorriso fácil que conquistava quem com ele convivía. Um cidadão andradense que nos dá orgulho. Paulo Vianeí Cazarotto era humilde, honesto, religioso, batalhador, destemido, empreendedor. Desses que colocam sua pedrinha na construção de uma comunidade enquanto vivem sua vida aparentemente comum.

Nascido na Zona Rural de Andradas, em 01/01/1951, era o terceiro (de sete) filhos dos andradenses Oscar Cazaroto e Maria Salvi Cazaroto. Foi casado com Maria Guiomar Delavia Cazarotto, a quem deixou viúva em 08/09/2008. Teve duas filhas: Daniele Cazarotto Delavia e Vanessa Cazarotto de Oliveira.

Filho de cafeicultores, construiu a vida em torno das terras andradenses. Mesmo exercendo atividades diversas ao longo da vida, nunca se afastou da roça. Teve granja, plantou tomates, produziu vegetais por hidroponia, trabalhou na criação de coelhos e porcos e, claro, cultivou café. Foi através da vivência rural que Paulo construiu grande parte do seu círculo de convívio. Ali gerou emprego e renda, fez amigos e ganhou muitos afilhados.

Entretanto, devem ter sido seus outros ofícios na cidade que o fizeram mais conhecido pela população andradense. A começar por aqueles relacionados a sua grande paixão: automóveis e viagens. Ainda jovem, foi auxiliar de mecânico; já mais moço, caminhoneiro; quando teve problemas de saúde, atuou como taxista para ter um descanso das longas viagens.

Homem de muita coragem e disposição, mantinha múltiplas atividades. Enquanto administrava os sítios, buscou empreender também na zona urbana. Junto com familiares, deu ênfase ao ramo de cortinas e decoração em Andradas. Atuou por anos dirigindo a empresa, vendendo e instalando os produtos. Com isso, ajudou a divulgar o nome da andradense Ameir - conhecida por Mey, sua sogra para toda região como referência no ramo e a trazer pessoas de fora interessadas nos seus produtos.

Pouco antes de falecer, havia iniciado mais uma atividade: a apicultura. Ali, foi pioneiro, trazendo para Andradas o universo dos produtos naturais e derivados da apicultura. Uma atividade que lhe proporcionava alegria unindo a terra ao comércio.

Mas, talvez o que tenha feito dele uma pessoa especial seja sua forma de olhar. Aberto para encontrar o que há de valioso em uma vida comum. Paulo era dono de um olhar multifacetado e extraordinário. Ainda criança, olhando para uma briga de cavalos - por exemplo - não via o perigo de estar próximo de dois grandes animais enfurecidos. Pelo contrário - se não fosse impedido - ele seria capaz de entrar no meio da briga porque via ali dois animaizinhos que precisavam ser contidos para não se machucarem.

Tinha também um olhar criativo. Na infância sofrida, vivida na zona rural, olhando para uma lata de marmelada, por exemplo, Paulo não via a chance de comer um doce ao qual raramente tinha acesso. O doce? Ele deixaria de lado. O interessante ali para ele era a possibilidade de construir um carrinho com a lata vazia. Afinal, carrinhos de brinquedo também eram raridade naquela época. Esse olhar criativo perdurou por toda vida, criando engenhocas, buscando soluções, consertando equipamentos.

E vejam que a paixão pelos carros também já dava sinais na infância também, não é mesmo? Paixão, aliás, que aliada ao olhar agregador fez com que ele, já mais velho e

longe da direção profissional por décadas, pensasse em comprar uma van. Além de pegar algumas viagens, ele teve com isso o mais importante: espaço suficiente no veículo para levar seus amados consigo sempre. Se ele ia, queria que todos fossem. Era sempre assim. Não alimentava a inveja e se alegrava com a alegria do outro.

Homem de muita fé, começou a caminhada cristã ainda criança, sendo integrado no seio da Igreja, seguindo os ritos religiosos. Terminou falando da bíblia e da fé para quem quisesse ouvir. Praticava o que aprendeu com a religião. Dar a outra face, por exemplo, foi um ensinamento adaptado para a sua linguagem. Ele dizia: se alguém me prejudicou, o problema é dessa pessoa. Quem tem que se entender com Deus sobre isso, é ela. Não eu.

Se ele tivesse uma única camisa, seria capaz de dá-la a quem não tivesse nenhuma. Nem que isso signifique tirar a do próprio corpo. Não havia quem dele se aproximasse que saísse de mãos vazias. Carona, dinheiro, conselho, risadas, comida. Seu olhar nessas situações era focado no que ele poderia fazer. Simples assim. Sem julgamento. Sem cobrança. Sempre aberto a ajudar, aprender e dialogar.

Curioso, simples, generoso e disposto. Esse era o Paulo que conhecemos e nos deixou em 08/09/2008. Um descendente de imigrantes italianos que firmou em Andradas sua vida. Empregou, produziu e contribuiu.

Para além disso, talvez o que faça dele um andradense digno de homenagem é sua forma de encarar a vida. Um jeito de viver que pode simplificar nosso convívio em sociedade e merece estar na memória de todo cidadão frente a qualquer decisão ou experiência. Paulo dizia e repetia: não tenha dúvida, faça sempre e somente o que lhe permite deitar a cabeça no travesseiro todos os dias com a consciência tranquila.

Se fizermos esse exercício, construiremos a cada dia uma família estruturada, uma comunidade justa, uma cidade acolhedora e próspera. Que possamos seguir o exemplo de vida de Paulo Vianezi Cazarotto e levá-lo às futuras gerações de andradenses.